



“COLORINDO” A IMAGEM CORPORAL: VIVÊNCIAS E SIGNIFICADOS EM DESENHOS INFANTIS DE FIGURA HUMANA

COLORING BODY IMAGE: EXPERIENCES AND MEANINGS IN CHILDREN'S HUMAN FIGURE DRAWINGS

Anielly Luiza Silveira Nunes¹

Higor Ramos Ferreira²

Ingrid Dittrich Wiggers³

Resumo: Este estudo, de abordagem qualitativa e documental, interpreta como crianças de 6 a 12 anos de idade representam a imagem corporal em desenhos de figura humana. Reconhece a infância como categoria social e cultural, cujas produções simbólicas expressam dimensões emocionais, cognitivas, sociais e culturais. A pesquisa analisou desenhos selecionados de uma coleção, interpretando-os como construções identitárias e reflexos de influências midiáticas e normativas. O trabalho evidencia que o desenho infantil transcende a reprodução visual, funcionando como linguagem mediadora entre experiências internas e o contexto sociocultural. A análise considerou aspectos formais, conteúdos simbólicos e sentidos atribuídos pelas crianças, destacando as tensões entre padrões de beleza e expressões singulares. Conclui-se que a valorização do desenho como método pedagógico e investigativo pode contribuir para práticas educativas sensíveis, que reconheçam a potência criativa infantil e promovam relações saudáveis com o corpo.

Palavras-chave: Imagem corporal; Figura humana; Desenho infantil; Crianças.

Abstract: This qualitative and documentary study interprets how children represent body image through human figure drawings. It recognizes childhood as a social and cultural category, whose symbolic productions express emotional, cognitive, social, and cultural dimensions. The research analyzed selected drawings from a collection, interpreting them as identity constructions and reflections of media and normative influences. The study highlights that children's drawings go beyond visual reproduction, functioning as a mediating language between internal experiences and the sociocultural context. The analysis considered formal aspects, symbolic content, and the meanings attributed by the children, emphasizing the tensions between beauty standards and unique expressions. It concludes that valuing drawing as both a pedagogical and investigative method can contribute to sensitive educational practices that acknowledge children's creative potential and foster healthy relationships with the body.

Keywords: Body image; Human figure; Children's drawings; Children.

¹ Mestra em Educação Física. Universidade de Brasília (UnB). Grupo de Pesquisa sobre Corpo e Educação – IMAGEM. Brasília, Distrito Federal, Brasil. E-mail: Aniellyluiza2@gmail.com

² Mestre em Educação Física. Universidade de Brasília (UnB) Grupo de Pesquisa sobre Corpo e Educação – IMAGEM. Brasília, Distrito Federal, Brasil. E-mail: higoramosferreira2009@gmail.com

³ Doutora em Educação. Universidade de Brasília (UnB). Grupo de Pesquisa sobre Corpo e Educação – IMAGEM. Brasília, Distrito Federal, Brasil. E-mail: ingridwiggers@gmail.com



1 Desenhos infantis e a construção da imagem corporal: produções simbólicas e culturas da infância em perspectiva

A infância é entendida como uma categoria social e histórica, na qual as crianças são sujeitos de direitos e produtoras de cultura. Trata-se de uma experiência social legítima, marcada por descobertas, aprendizagens e interações, e não apenas uma fase de preparação para a vida adulta. O universo lúdico, central nas práticas infantis, constitui dimensão essencial de suas vivências e expressões culturais. Valorizar essa cultura lúdica implica reconhecer a criança como agente ativo na construção de significados e práticas sociais, superando a visão de que ela é mera receptora de normas adultas. Partindo da compreensão de que as crianças se expressam por meio de produções simbólicas, este estudo reconhece a infância como geração produtora de significados e cultura. De acordo com a perspectiva da sociologia da infância,

A consideração das crianças como actores sociais de pleno direito implica o reconhecimento da capacidade de produção simbólica por parte das crianças e a constituição das suas representações e crenças em sistemas organizados, isto é, em cultura (Sarmiento; Pinto, 1997, p. 20).

Entre as principais construções que se efetivam durante a infância destaca-se a imagem corporal. Não se trata apenas de uma percepção biológica ou individual, mas um constructo social dinâmico, moldado por forças culturais, históricas e políticas. Tavares (2003) define a imagem corporal como construção multifacetada resultante da interação entre aspectos mentais, biológicos, sociais e culturais. Nessa perspectiva, compreende-se que o corpo ultrapassa sua materialidade e torna-se palco de disputas simbólicas e normativas. Le Breton (2006) aprofunda essa ideia ao afirmar que o corpo é um “campo de batalha” de significados, onde práticas e padrões estéticos expressam relações de poder. Foucault (1987) demonstra como as instituições disciplinam corpos e inscrevem neles as normas sociais. Wolf (1991) expõe que a mídia perpetua ideais opressores que afetam a autoestima e a percepção de si. Bourdieu (2001) contribui com o conceito de *habitus*, mostrando que disposições sociais incorporadas moldam nossa imagem corporal. Assim, compreender criticamente essa construção é essencial para enfrentar ideais opressivos e promover relações mais autênticas com o corpo.

Levando em conta tais aspectos, ressalta-se a questão norteadora da pesquisa: como as representações da imagem corporal de crianças são evidenciadas em desenhos infantis de figura humana? O objetivo geral consiste em compreender como a imagem



corporal é representada por crianças, por meio da interpretação de desenhos de figura humana, especialmente autorretratos, por meio da descrição, análise e interpretação de desenhos, levando em conta dimensões psicossociais e corporais, bem como sentidos e significados associados.

Diante disso, adota-se uma abordagem qualitativa, de cunho documental. Essa análise constitui uma ferramenta valiosa, permitindo observar aspectos cognitivos, motores, emocionais e culturais, contribuindo para instrumentalizar relações saudáveis com o corpo. Como destaca Wiggers (2003), os desenhos expressam percepções mediadas por fatores culturais, escolares e midiáticos, mas revelam também a potência criativa das crianças.

A partir dessa introdução, o artigo segue tecendo considerações teóricas sobre o desenho infantil em interface com a abordagem da fenomenologia. Posteriormente, é delineada a metodologia da pesquisa, incluindo um protocolo de descrição dos desenhos. Em seguida, os desenhos selecionados são descritos e interpretados, ilustrando, assim, as tipologias da figura humana que resultaram da análise empreendida. Finalmente, são tecidas considerações a título de fechamento parcial do texto.

2 Desenho infantil e abordagem fenomenológica

Os desenhos de figura humana elaborados por crianças são expressões legítimas das culturas infantis, materializando percepções singulares sobre o corpo. Conforme assinalado anteriormente, a imagem representada revela não apenas aspectos gráficos, mas interpretações ativas e subjetivas ancoradas em referências culturais, normas sociais e experiências corporais vivenciadas pelas crianças.

O desenho é mais do que atividade lúdica, pois reflete dimensões cognitivas, emocionais, sociais e culturais, devendo ser valorizado como direito de livre expressão, conforme a Convenção sobre os Direitos da Criança (ONU, 1989). Sobretudo, autores de diversas áreas contribuem para a compreensão do desenho infantil, em uma perspectiva interdisciplinar. Bueno (2010) destaca que se trata de linguagem social e cultural, organizando experiências. Lowenfeld e Brittain (1987) enfatizam seu valor como via de autorregulação emocional. Vygotsky (2007) relaciona o desenho à imaginação criadora. Derdyk (1989), por sua vez, o compreende como extensão do corpo. Wiggers (2003), Machado (2012) e Souza (2004) evidenciam que tais registros revelam construções identitárias e afetivas singulares.



O desenho é uma forma de linguagem simbólica que permite às crianças traduzirem experiências internas em formas visuais. Como argumenta Vygotsky (2007, p. 10), o ato de desenhar envolve processos simbólicos e representativos, sendo uma atividade mediada culturalmente. Segundo o autor, ao desenhar, a criança não apenas reproduz o mundo à sua volta, mas também reorganiza suas percepções de acordo com sua subjetividade. Isso significa que os desenhos não são representações neutras, pelo contrário, refletem o estado emocional, o contexto cultural e as interações sociais da criança.

[...] a apropriação dos fatos e sua reinterpretação dependem tão somente da imaginação, esta sim, ponto de força, de transgressão criativa e libertadora, na qual, o homem não apenas imita, reproduz, mas inventa e cria. Este é o território das sociabilidades humanas, espaço fértil da cultura como produção e produto, como equilíbrio e conflito, como trama e textura do social. A cultura faz-se assim em acontecimento, rotina e ruptura, parte do revestimento mais de superfície da sociedade, mas também seu cerne, a parte profunda que a constitui enquanto emoções, hábitos, sentimentos, representações e conflitos. Assim, para o sujeito social, a cultura é e representa a experiência vital de seu tempo e de seu espaço em termos de si mesmo e do outro (Gusmão, 1999, p. 10).

Kress (1997) também destaca que o desenho, enquanto modo de comunicação, não está relacionado apenas à habilidade motora, mas também ao desenvolvimento semiótico, uma vez que cada traço, forma e cor é escolhido intencionalmente para transmitir significado. Assim, o desenho infantil vai além da reprodução do mundo físico e se torna um meio de representar o imaginário, as crenças e os valores da criança.

Nesse contexto, a fenomenologia emerge como uma perspectiva para a escuta sensível das vivências corporais expressas pelos sujeitos infantis. Ancorada em uma epistemologia que valoriza a experiência vivida (*Erlebnis*), essa abordagem prioriza o corpo enquanto centro de percepção e expressão do mundo. Em vez de se restringir a representações objetivas ou reducionistas, o enfoque fenomenológico se volta ao corpo vivido, ou corpo próprio, como estrutura significativa da existência.

No campo da infância, esse olhar permite acessar dimensões simbólicas e afetivas que escapam aos métodos tradicionais. O desenho, nesse cenário, não é apenas uma produção gráfica, mas uma forma de linguagem corporal expandida, na qual a criança projeta, organiza e comunica sua percepção de si mesma e do mundo ao redor. Como disse Merleau-Ponty (1999), o corpo não é objeto no mundo, mas o meio pelo qual o mundo se revela. Assim, ao desenhar, a criança não reproduz imagens, mas sim dá forma às suas experiências, inscrevendo sentidos no papel.



Compreender a percepção do corpo a partir dos desenhos infantis, portanto, implica um movimento de escuta atenta e suspensiva por parte do pesquisador, que deve acolher a alteridade da infância sem colonizá-la com interpretações adultocêntricas.

Trata-se de reconhecer que a criança constrói uma imagem corporal que não se limita a padrões biométricos ou desenvolvimentistas, mas está entrelaçada a afetos, relações sociais, mediações culturais e experiências vividas.

Ao adotar uma atitude fenomenológica, a pesquisa se aproxima daquilo que é sentido e experienciado pela criança, considerando que sua percepção do corpo é dinâmica, situada e carregada de significados. Dessa forma, promove-se uma escuta alinhada à ética da pesquisa qualitativa com crianças, ou seja, uma escuta que vê o sujeito infantil não como objeto de estudo, mas como produtor legítimo de saberes e significações.

Esse compromisso epistemológico e metodológico não apenas enriquece a compreensão da infância e da corporeidade, mas também reafirma a centralidade do corpo como dimensão constituinte das experiências humanas. O corpo, aqui, não é mero suporte anatômico, mas território de linguagem, memória e imaginação, um campo fértil para a expressão de vivências que merecem ser acolhidas em sua inteireza.

Sobretudo, a pesquisa que se apoia em desenhos infantis deve não apenas respeitar a perspectiva intrínseca da criança, mas também promover seu protagonismo. Essa abordagem metodológica contribui para uma compreensão mais holística da infância, abrindo caminhos para o desenvolvimento de intervenções educativas mais reflexivas e qualitativas. Tal reflexão subsidia práticas pedagógicas intencionais que abordem corporeidade e subjetividade. Diante de discursos normativos e intensa exposição midiática, defende-se a promoção de espaços educativos que estimulem o pensamento crítico e valorizem a diversidade corporal.

3 Delineamento metodológico

Conforme anteriormente assinalado, esta pesquisa dedica-se aos desenhos infantis da figura humana da coleção do grupo Imagem – Grupo de Pesquisa sobre Corpo e Educação. Inserido nas áreas de Educação e Educação Física, o grupo desenvolve pesquisas qualitativas de caráter interdisciplinar, focando em temas como infância, educação do corpo e mídias. O principal projeto em andamento intitula-se Memórias da Infância, caracterizando-se como um projeto “guarda-chuva”, que abrange várias linhas



de pesquisa, incluindo estudos sobre a imagem corporal. Para organizar os desenhos produzidos pelo grupo, por meio de pesquisas de nível de graduação, especialização, mestrado e doutorado, foi elaborado um inventário em formato físico e on-line, que reúne 27 trabalhos acadêmicos elaborados ao longo de 21 anos. Esse inventário é composto pelos trabalhos, entrevistas com autores, fotografias e desenhos infantis do grupo Imagem. Para esse estudo, foi realizada uma seleção específica da série de desenhos que aborda a temática da figura humana.

A coleção completa é formada por cerca de 2.500 desenhos, sendo que 351 se referem ao tema da figura humana, representando aproximadamente 14% do total das obras. Esses desenhos foram produzidos por seis pesquisadores do grupo, durante seus respectivos trabalhos de campo, no contexto de escolas públicas de Brasília, envolvendo crianças de 6 a 12 anos de idade. Considerando que nosso objetivo é compreender como a imagem corporal é representada por crianças, por meio da interpretação de desenhos de figura humana, destacam-se aqueles intitulados “Eu sou assim” ou “Autorretrato”.

Nos trabalhos analisados, os pesquisadores solicitaram que as crianças representassem a figura humana, utilizando o desenho como meio expressivo e explorando cores e traços individuais. Para Rovetta Cortés (2017), o desenho temático revela a possibilidade de a criança se expressar a partir de um determinado tema, nesse caso específico, a figura humana. Dessa forma, torna-se relevante mencionar que se trata de um exercício interpretativo, haja vista que a apreensão da imagem corporal não se restringe unicamente aos constructos gráficos expressos nos desenhos. A imagem corporal, conforme postulado por Schilder (1999), configura-se como uma representação mental complexa e dinâmica, que transcende a mera percepção visual ou tátil, incorporando dimensões afetivas, sociais e inconscientes. Portanto, a análise desses materiais constitui uma aproximação indireta a um fenômeno subjetivo e multifacetado, demandando uma postura hermenêutica que reconheça as limitações inerentes à sua plena objetificação e mensuração (Dolto, 2002; Le Breton, 2006).

Assim, os desenhos foram escolhidos pela sua pertinência diante do objetivo do presente estudo. Além disso, considerando a abrangência do período de produção dos desenhos, ou seja, entre 2001 e 2022, optou-se pelos desenhos elaborados em 2001, concentrando assim a análise e interpretação no contexto histórico do início do século

XXI. Ressalta-se que os demais desenhos se datam de 2011 em diante, o que representa um intervalo significativo no âmbito da cultura infantil e das rápidas mudanças que a tecnologia tem provocado no cotidiano. Em 2001, por exemplo, as principais mídias



que influenciavam as crianças eram a televisão e o videogame. Contudo, dez anos depois, observa-se o crescente avanço do uso do computador e do celular entre as crianças, justificando nossa seleção pelos desenhos elaborados em 2001.

O desenho, enquanto linguagem simbólica e expressiva, tem se consolidado como uma potente metodologia de pesquisa qualitativa, especialmente em investigações que envolvem crianças. Sua eficácia reside no fato de que, ao desenhar, a criança não apenas representa elementos do mundo visível, mas também projeta afetos, experiências e compreensões que nem sempre podem ser comunicadas verbalmente. Em contextos educacionais, psicológicos e sociais, o uso do desenho tem permitido acessar dimensões subjetivas que permanecem latentes, sobretudo em situações de trauma ou vulnerabilidade. Conforme argumenta Driessen (2015), o desenho atua como um mediador entre a experiência interna da criança e o mundo exterior, possibilitando ao pesquisador captar elementos simbólicos ricos em significados.

Em estudos que abordam traumas ou vivências delicadas, o desenho pode funcionar como um espaço seguro para que a criança expresse emoções difíceis de serem verbalizadas, como medo, raiva, tristeza ou insegurança. Mitchell e Weber (2006), ao refletirem sobre metodologias visuais com crianças, enfatiza que as imagens que as crianças produzem — incluindo desenhos — devem ser compreendidas não apenas como representações estéticas ou ilustrativas, mas como discursos visuais que comunicam ideias, emoções e experiências profundamente enraizadas. Quando olhamos e ouvimos com atenção, os desenhos das crianças “falam” com força sobre seus mundos vividos (Mitchell; Weber, 2006, p. 36).

Para que o uso do desenho como método seja ético e efetivo, é fundamental criar um ambiente acolhedor, em que a criança se sinta livre para se expressar sem julgamentos. A condução da atividade deve respeitar sua autonomia criativa e permitir múltiplas interpretações. Coates e Coates (2006, p. 112) ressaltam a importância de não conduzir o desenho com expectativas adultocêntricas.

As crianças precisam de tempo, liberdade e estímulo positivo para desenhar com autenticidade. Explicações simples e espaço para criar sem interferências adultas são cruciais para que o pesquisador obtenha desenhos que reflitam o pensamento e o sentimento da criança.

Além disso, a análise dos desenhos requer uma leitura sensível, que considere não apenas o conteúdo visual, mas também os contextos de produção, os discursos que os acompanham e os sentidos atribuídos pelas próprias crianças. A triangulação com outros registros, como entrevistas, observações e documentos enriquece o processo de interpretação. Nesse sentido, Weber (2008) argumenta que os dados visuais devem ser entendidos como “textos culturais”, carregados de camadas de sentido que não se esgotam na superfície das imagens. Complementando essa visão, Coffey (2014) destaca que a



análise de dados visuais, como desenhos, demanda articulação com referenciais teóricos sólidos, capazes de sustentar a complexidade das leituras possíveis.

Essa investigação caracteriza-se como uma pesquisa documental, de abordagem qualitativa, cujo objetivo é compreender as características e os significados culturais e psicológicos do desenho infantil da figura humana. Segundo Cellard (2008, p. 298), a pesquisa documental permite o uso de múltiplas fontes.

A partir dessa abordagem, os desenhos analisados nesta pesquisa foram considerados como produções simbólicas que expressam aspectos subjetivos da imagem corporal e da relação da criança com seu contexto. A organização dos dados foi realizada de forma sistemática, e a análise considerou as múltiplas camadas de significação presentes nas imagens, bem como discursos verbais a elas associados. Essa interpretação foi apoiada ainda por estudos complementares, que auxiliaram na compreensão das especificidades observadas nas produções gráficas infantis.

4 Protocolo de descrição de desenhos infantis de figura humana

Ainda nesse escopo, e com a intenção de organizar e sistematizar as descrições dos desenhos de figura humana, foi utilizado um protocolo específico para a descrição dos desenhos, conforme apresentado no Quadro 1. Esse protocolo busca descrever os detalhes observáveis nos desenhos, considerando-os como partes integrantes de uma organização maior, ou seja, o desenho como um todo, respeitando sua complexidade simbólica, expressiva e cultural.

Quadro 1: Protocolo adaptado para a descrição de desenhos de figura humana

Elementos do desenho	Descrição
Tema	Nome do desenho e elementos que o caracterizam.
Cenário	Detalhes do contexto do desenho.
Distribuição no papel	Preenchimento do espaço, parte central, parte lateral (esquerda e direita), parte superior e parte inferior.
Enquadramento	Geral, americano, médio, primeiro plano e detalhe.
Perspectiva	Posição das figuras humanas, como, por exemplo, em pé, sentadas ou deitadas; de frente, de costas ou de perfil.
Traços	Largos, estreitos, contínuos, tracejados, ordenados e desordenados.
Cores	Cores utilizadas, cores repetidas, cores predominantes, intensidade ou ausência de cores.
Movimento	Tipo de movimentação representada ou sem movimentação.
Detalhes da figura humana	Estão condizentes com a realidade ou com o imaginário? Há detalhes dos dedos, mãos, pés, rosto, cor da pele, roupas, maquiagens, características de personagens midiáticos?
Registros escritos	Títulos, frases, palavras, balões com falas escritas, legendas, observações e letras.

Fonte: Adaptado de Nunes (2022).

5 Crianças, vivências, desenhos e representações

Preliminarmente, os desenhos foram descritos com base no protocolo acima destacado e, em seguida, foram analisados e interpretados de forma sistematizada. Com base no arcabouço teórico-metodológico desenvolvido ao longo deste artigo, sistematizou-se um conjunto de categorias que resultaram na formulação de quatro tipologias, produzidas a partir da análise e interpretação de desenhos de figura humana selecionados na coleção. As tipologias se caracterizam do seguinte modo: a) “O imaginário e o real” - reúne os desenhos de figura humana que evidenciam as nuances tênues na transição e expressão do aspecto psicológico, considerando representações dos corpos como personagens de desenhos, jogos e filmes, além de elementos fantasiosos e místicos; b) “A identidade representada” - considera os desenhos que trazem os aspectos que compõem a identidade do corpo desenhado; c) “O corpo no contexto social” - articula os desenhos mais representativos da identificação dos corpos nos ambientes sociais em que estão inseridos; d) “Padrões de beleza e influência midiática” - abrange desenhos que retratam a expressão dos aspectos estéticos nos corpos representados. Essas tipologias serão apresentadas a seguir, por meio de desenhos selecionados considerando a sua qualidade representativa e estética.

a) O imaginário e o real

Figura 1: A menina-sereia



Fonte: Wiggers (2003). Idade não mencionada no desenho.



O desenho acima foi produzido por uma menina e tem como tema a figura humana, representada em plano geral no que se refere ao enquadramento. Quanto à perspectiva, a figura está sentada em uma pedra de cor cinza. O cenário expressa elementos característicos de sereias, como a pedra posicionada no canto inferior direito. A produção da criança preenche principalmente o lado direito do papel, com traços contínuos, finos e organizados. Há a predominância das cores cinza, vermelho e verde. Cabe ressaltar que o desenho sugere indícios de movimentação, pois o corpo que está sentado na pedra dá dinâmica à imagem, além dos braços semiabertos que denotam fluidez e movimentação livre no ar. A figura humana foi representada com detalhes semelhantes aos de uma sereia - cauda em vez de pernas, parte superior do corpo coberta por estrelas do mar, cabelos vermelhos e olhos azuis.

Os desenhos de autorretrato infantil oferecem uma “janela” para o mundo interno da criança, onde o imaginário e o real se entrelaçam na construção da identidade e da imagem corporal. Quando uma criança se desenha como uma sereia, ela não está simplesmente reproduzindo uma imagem, mas projetando aspirações, fantasias e identificações que são profundamente significativas para seu desenvolvimento psicológico e social.

Na Figura 1, percebemos a manifestação de um imaginário rico e fantástico. A sereia, como figura mítica, simboliza liberdade, beleza, mistério e a capacidade de transitar entre mundos - terra e água. Psicologicamente, desenhar-se como sereia pode representar o desejo de buscar uma identidade mágica e a explorar aspectos menos tangíveis da própria existência. Trata-se da projeção de um eu idealizado, onde as leis da física e da realidade cotidiana são suspensas. Para Dolto (2002), a imagem inconsciente do corpo é moldada por essas fantasias e mitos que ajudam a criança a lidar com as experiências do corpo e suas representações no mundo simbólico. A sereia pode, portanto, constituir uma forma de expressão da fantasia infantil, revelando tanto a capacidade de adaptação quanto à curiosidade em relação a si mesma.

b) A identidade representada

Figura 2: A emergência do eu



Fonte: Wiggers (2003). Idade não mencionada no desenho.

O segundo desenho selecionado foi elaborado por um menino, com enquadramento em plano geral e perspectiva em posição em pé. Não existe um cenário na produção, e a figura ocupa a parte central do papel, com traços contínuos, finos e organizados. Foram utilizadas quatro cores, sendo vermelha a de maior predominância. Os membros superiores e inferiores aparentam estar semiflexionados, o que pode indicar um “balanço” do corpo, a criança andando ou em algum tipo de movimentação. A figura humana apresenta detalhes condizentes com a realidade. No desenho, há um menino representado de pé, com os braços ao lado do corpo, vestido com blusa vermelha, calça verde com detalhes vermelhos e marrons e sapatos vermelhos. Na orelha direita, pode-se observar um brinco. O cabelo está penteado para o lado direito. Na camiseta, está representada uma figura humana que pode ser um design da roupa, algum personagem ou sua própria representação em tamanho menor.

Conforme assinalado anteriormente, os desenhos de figura humana podem expressar como a criança percebe e constrói sua identidade e imagem corporal. Cada traço, proporção ou elemento adicionado ou omitido oferece pistas valiosas sobre seu mundo interno, suas emoções e formas de significar o corpo. Sob a perspectiva da teoria da representação, conforme proposto por Hall (2016), os desenhos podem ser compreendidos como construções simbólicas por meio das quais as crianças produzem

sentidos sobre si mesmas e sobre o mundo ao seu redor. Para o autor, a representação não é um mero reflexo da realidade, mas um processo ativo de produção de significados, no qual os sujeitos organizam e expressam suas experiências, identidades e pertencimentos culturais.

O desenho de uma criança representada em tamanho menor na região do abdômen é uma expressão ainda mais complexa e simbólica. Essa representação pode sugerir diversas dinâmicas internas. Uma possível interpretação, à luz da psicanálise de Dolto (2002), é a da imagem inconsciente do corpo, em que o abdômen - frequentemente associado ao centro emocional e às origens, um lugar onde a vida começa - torna-se o lócus de uma "outra" identidade.

Essa "miniatura" pode simbolizar um "eu" oculto ou vulnerável. A criança pode estar expressando uma parte de si que se sente pequena, protegida ou ainda em formação dentro de um corpo maior. Pode refletir uma percepção do corpo interno e das sensações viscerais, projetada nessa miniatura. Em alguns casos, pode remeter a fantasias de estar dentro da mãe novamente, ou a um forte apego a fases mais precoces do desenvolvimento. Embora menos comum, poderia também sinalizar alguma preocupação ou sensibilidade na região abdominal, transposta para o desenho.

c) O corpo no contexto social

Figura 3: Na igreja



Fonte: Wiggers (2003). Idade não mencionada no desenho.



O terceiro desenho apresenta enquadramento em plano geral e perspectiva em posição de pé. Na parte superior da folha, a criança escreveu “igreja”, acompanhada de um homem com braços abertos, e na parte inferior observa-se um helicóptero que sugere um resgate em uma ilha, compondo um cenário religioso. A produção preenche todo o papel, principalmente a parte superior e inferior, com traços contínuos, finos e organizados. As cores evidenciam tons de azul e cinza, e foi observada a representação de movimento a partir dos braços abertos, semelhante ao monumento Cristo Redentor do Rio de Janeiro. Ademais, os detalhes retratados estão condizentes com a realidade. No desenho, há um menino branco, representado de pé, com os braços abertos, vestido com camisa social azul, de botões, gravata preta, calça verde, cinto, relógio e sapatos brancos.

A compreensão do corpo no contexto social é intrinsecamente ligada à construção da imagem corporal, que transcende a mera representação física para incorporar dimensões psicológicas, afetivas e socioculturais. Para Tavares (2003), a imagem corporal não é inata, mas se desenvolve e se ressignifica continuamente a partir das vivências sensoriais e das interações sociais. O corpo é, portanto, um epicentro onde se manifestam as influências do meio, os ideais de beleza, as expectativas sociais e os padrões culturais.

No âmbito social, o corpo é constantemente submetido a discursos e práticas que moldam a percepção que o indivíduo tem de si e de sua corporalidade. A mídia, as relações interpessoais e as instituições educacionais, por exemplo, exercem um papel significativo na internalização de modelos corporais e na valorização de certas características estéticas (Tavares, 2003). Essa “imagem do nosso próprio corpo”, como descreve Tavares (2003, p. 100), “representa uma experiência essencialmente particular, que cada indivíduo vivencia de modo constante, dimensionando a partir dela o sentido de suas ações, de suas percepções e o fluir de seus impulsos”.

Os desenhos de autorretrato infantil são mais do que meras representações visuais. Eles são poderosos espelhos das complexas interações entre a identidade, a imagem corporal e o contexto social em que a criança está inserida. A análise de autorretratos que expressam papéis sociais distintos, como o vestuário religioso e o uniforme escolar, permite-nos mergulhar nas forças disciplinares e normalizadoras que Foucault (1987) descreveu, e como elas se inscrevem na percepção do corpo e do eu infantil.

O desenho de uma criança com camisa de botões, calça social, relógio e os braços abertos como o Cristo Redentor, com a inscrição “na igreja”, é, com efeito, carregado de simbolismo social e religioso. Essa representação visual reflete não apenas elementos da



vivência cotidiana da criança, mas também a influência de referências culturais e afetivas que estruturam sua percepção de mundo. De acordo com Oliveira (2023), ao analisar produções gráficas infantis, é fundamental considerar os múltiplos significados atribuídos pelas próprias crianças, reconhecendo o desenho como um campo de projeção simbólica e identitária, fortemente atravessado por contextos sociais, culturais e emocionais.

Essa representação não apenas espelha a internalização de um ideal moral e espiritual, mas também a assimilação de um determinado papel social associado a esse ambiente. A postura do Cristo Redentor, em particular, evoca uma imagem de acolhimento, grandiosidade e sacralidade, sugerindo que a criança se identifica com esses atributos dentro do contexto eclesial. Foucault (1987) nos lembra que as instituições, como a Igreja, exercem poder disciplinar sobre os corpos, moldando-os através de rituais, posturas e vestuários. A criança, ao se desenhar dessa forma, está demonstrando como essa disciplina se manifesta na construção de sua imagem corporal idealizada, onde o corpo se torna um vetor de valores e normas sociais. O relógio, por sua vez, pode simbolizar a internalização da ordem, da pontualidade e da seriedade associadas a esse ambiente.

O desenho ilustra a centralidade do corpo na construção da identidade social. A criança, ao desenhar-se, não está apenas reproduzindo o que vê, mas o que sente e internaliza sobre seu papel e suas expectativas no contexto sociocultural. Ela projeta uma imagem corporal que reflete não apenas sua percepção física, mas também sua identificação com os ideais e as regras impostas pelas instituições. As posturas, os trajés e os símbolos adicionados ao desenho funcionam como significantes de como a criança se vê e como ela acredita que deve ser vista para pertencer e ser aceita em cada um desses universos sociais. A análise desses desenhos, portanto, oferece um campo fértil para compreendermos as múltiplas camadas da imagem corporal infantil, revelando como as forças sociais se inscrevem e moldam a percepção do próprio eu.

d) Padrões de beleza e influência midiática

Figura 4: Vestida de primavera



Fonte: Wiggers (2003). Idade não mencionada no desenho.

A produção acima foi elaborada por uma menina e se encaixa na temática de figura humana, com enquadramento em plano geral e perspectiva em posição de pé. O cenário ilustra um jardim repleto de flores ao redor, e na parte superior, observa-se sol e nuvens.

O desenho ocupa todo o papel, com traços contínuos, finos e organizados, diversas cores e posição estática. A figura humana apresenta detalhes condizentes com a realidade, pois no desenho, há uma menina representada de pé, com os braços ao lado do corpo. A figura humana possui pele clara, olhos verdes, veste uma blusa curta que evidencia o abdômen, calça e sapatos de salto. No rosto, há destaque para as sobrancelhas marcadas e batom vermelho.

Os desenhos de figura humana são indicadores sensíveis das influências socioculturais na formação da imagem corporal. A representação de meninas com maquiagem, roupas adultas como *croppeds* e saltos altos, e, em especial, a presença de características como cabelo loiro com mechas e brincos, reflete a internalização precoce de padrões de beleza e ideais estéticos disseminados na sociedade contemporânea. Essa manifestação gráfica merece uma análise aprofundada sob a ótica de autores que discutem a construção social do corpo e a influência da mídia.

A Figura 4 aponta para uma precocidade na apropriação de signos de feminilidade e sexualidade associados ao universo adulto. Essas escolhas estéticas não são aleatórias,



pois refletem um ambiente midiático e social que supervaloriza a aparência e o corpo feminino moldado por ideais específicos. Para Le Breton (2006), o corpo não é apenas uma entidade biológica, mas uma construção social e cultural, constantemente modelada e ressignificada por discursos e práticas. A criança, ao se desenhar de tal forma, está reproduzindo e se identificando com esses modelos de beleza hegemônicos, muitas vezes impostos por meio da televisão, das redes sociais e do consumo.

Essa valorização estética não é neutra, mas faz parte de um sistema de privilégios construído historicamente, que reforça a centralidade de padrões de beleza. Como aponta Bento (2022), o pacto da branquitude opera de maneira silenciosa e estrutural, naturalizando a hegemonia de corpos, traços e cores associados ao branco como referência de normalidade e de valor estético.

Essa lógica influencia, inclusive, as escolhas simbólicas presentes nos desenhos infantis, que muitas vezes reproduzem tais padrões, mesmo em contextos de diversidade racial. As mechas, a maquiagem e os acessórios são elementos que intensificam essa busca por uma imagem estereotipada. Tavares (2003) discute como a imagem corporal é influenciada pelas vivências e interações sociais e, nesse cenário, a criança está interagindo com e sendo moldada por ideais estéticos que podem gerar tanto aspiração quanto, paradoxalmente, insatisfação corporal. A constante exposição a essas imagens idealizadas pode levar a uma discrepância entre o corpo real da criança e o corpo idealizado, impactando negativamente na autoestima e saúde.

Psicologicamente, essa precocidade na adoção de padrões estéticos adultos pode ter diversas implicações. A criança pode estar buscando pertencimento e aceitação em um grupo social que valoriza essas características. Contudo, essa busca pode vir acompanhada de uma sexualização precoce e de uma pressão para se conformar a um ideal inatingível, o que pode levar a transtornos de imagem corporal, dismorfia e baixa autoestima na adolescência e vida adulta (Tavares, 2003). Essa influência estética é ainda mais intensa para as meninas e mulheres, uma vez que os padrões de beleza historicamente construídos são mais rigorosamente aplicados ao corpo feminino.

Como observa Bento (2022), a construção social da branquitude como referência de beleza e valor estético reforça a desigualdade de expectativas sobre como os corpos femininos devem se apresentar, reproduzindo um ideal hegemônico que privilegia traços, cores de pele e características físicas associadas ao padrão branco. Tal configuração social faz com que meninas, desde muito cedo, internalizem essas exigências, impactando diretamente a construção da autoimagem e a relação com o próprio corpo. A identidade



da criança, nesse caso, está sendo influenciada por uma cultura visual que promove uma “ditadura da beleza”, em que a aparência se torna central para a autoafirmação.

Ao contrário disso, conforme Farias (2025) ao investigar os cotidianos e narrativas das crianças por meio de desenhos infantis, quando os meninos e meninas apresentam suas vivências, eles ampliam as lentes de interpretações do próprio corpo. Assim, ele observou aspectos educacionais, estereótipos dos comportamentos, bem como, as continuidades e modos transgressores de ser criança. Portanto, sugere-se que apesar do bombardeio de padrões estéticos, as crianças ainda conseguem romper fronteiras e subverter normas sociais.

6 Considerações finais

A compreensão da imagem corporal como um fenômeno complexo e multifacetado, que atravessa dimensões físicas, emocionais, cognitivas e sociais, foi o eixo central desta pesquisa. Ao longo do trabalho, buscou-se evidenciar como a construção da autoimagem na infância resulta de múltiplas influências, que vão desde as vivências corporais e afetivas até os discursos culturais e sociais que moldam os significados atribuídos ao corpo.

A adoção da análise qualitativa documental, com foco nos desenhos de autorretratos produzidos por crianças, revelou-se uma escolha metodológica pertinente e ética, especialmente considerando o material disponibilizado pelo grupo Imagem. O protocolo de descrição, inspirado nas experiências desse grupo, foi fundamental para sistematizar a análise e garantir uma leitura atenta aos detalhes gráficos, considerando o desenho como uma produção simbólica carregada de sentidos. A análise dos desenhos evidenciou que o autorretrato infantil vai além de uma simples representação visual, pois é uma expressão somática da subjetividade, na qual imaginário e realidade se entrelaçam. As escolhas gráficas, como tamanho dos membros, detalhes faciais, elementos contextuais e uso de cores, refletiram dimensões identitárias, emocionais e culturais. Aspectos como os padrões estéticos de beleza, as relações de gênero e os atravessamentos socioculturais ficaram visíveis nos traços.

Em suma, essa pesquisa cumpriu seus objetivos ao aprofundar a compreensão das representações da imagem corporal na infância e ao fortalecer o uso de metodologias qualitativas com desenhos infantis no campo das Ciências Humanas. Mais do que uma análise gráfica, este estudo reafirma a potência do desenho como ferramenta de escuta



sensível da infância, como via legítima de acesso à complexidade da formação identitária e corporal das crianças e como contribuição relevante para práticas pedagógicas mais inclusivas, éticas e transformadoras.

Referências

- BENTO, C. **O pacto da branquitude**. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.
- BOURDIEU, P. **A dominação masculina**. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.
- BUENO, J. E. **Corpo e identidade**: estudos da cultura e educação física. Campinas: Autores Associados, 2010.
- CELLARD, A. A análise documental. In: POUPART, J.; DESLAURIERS, J-P.; GROULX, L-H.; LAPERRIÈRE, A.; MAYER, R.; PIRES, A. **A pesquisa qualitativa**: enfoques epistemológicos e metodológicos. Petrópolis: Vozes, 2008. p. 295-316.
- COATES, J.; COATES, É. **Métodos de Pesquisa com Crianças**. São Paulo: Cortez, 2006.
- COFFEY, A. Analisando documentos. In: FLICK, U. **O manual SAGE de análise de dados qualitativos**. Londres: Sage, 2014. p. 367-379.
- DERDYK, E. **Formas de pensar o desenho**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 1989.
- DOLTO, F. **A imagem inconsciente do corpo**. São Paulo: Perspectiva, 2002.
- DRIESSEN, S. A infância na sociedade contemporânea: perspectivas sociológicas. In: SARMENTO, M. J.; GOUVEA, M. C. S. de. **Infâncias, culturas e direitos humanos**. São Paulo: Cortez, 2015. p. 47-68.
- FARIAS, M. J. A. Desenhando narrativas autobiográficas: o cotidiano na perspectiva de crianças de Sobradinho II - DF. **Revista Pesquisa Qualitativa**, São Paulo, v. 13, n. 35, p. 66–87, 2025. DOI: <https://doi.org/10.33361/RPQ.2025.v.13.n.35.1195>
- FERREIRA, H. R.; NUNES, A. L. S.; WIGGERS, I. D. “1, 2, 3 Salve Eu”: interpretando desenhos sobre brincadeiras preferidas. **Revista Licere**, Belo Horizonte, v. 26, n. 4, p. 82-103, dez. 2023. DOI: <https://doi.org/10.35699/2447-6218.2023.49541>
- FOUCAULT, M. **Vigiar e punir**: nascimento da prisão. 5.ed. Petrópolis: Vozes, 1987.
- GUSMÃO, N. M. de A. **O corpo**: objeto de desejo e de consumo. Campinas: Autores Associados, 1999.
- HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 14. ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2016.
- KRESS, G. **Antes do Discurso**: O Desenho da Criança como Forma de Representação. São Paulo: Ática, 1997.
- LE BRETON, D. **A sociologia do corpo**. 2.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.
- LOWENFELD, V.; BRITAIN, W. L. **Desenho e Desenvolvimento da Criança**. 8.ed. São Paulo: Summus, 1987.



MACHADO, S. S.; WIGGERS, I. D. **Imagens da infância**: mídias e suas representações em práticas corporais infantis. *Pensar a Prática*, 2012.

MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da percepção**. Tradução: Carlos Alberto Ribeiro de Moura. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

MITCHELL, C.; WEBER, S. Using visual images in field research. In: GREENWOOD, D. J.; LEVIN, M. (org.). **Handbook of qualitative research**. Londres: Sage Publications, 2006. p. 197-214.

OLIVEIRA, L. R. de. "**Cadê os meninos?**": o corpo e as brincadeiras em desenhos infantis. 2023. 305. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2023.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS (ONU). **Convenção sobre os Direitos da Criança**. Nova York: Unicef, 1989. Disponível em: <https://www.unicef.org/brazil/convencao-sobre-os-direitos-da-crianca>. Acesso em: 15 abr. 2025.

ROVETTA CORTÉS, A. I. Desenhos, vinhetas e diagramas: ouvindo as narrativas das crianças através da elucidação gráfica. *Revista Pesquisa Qualitativa*, São Paulo, v. 5, n. 8, p. 312–326, 2017. Disponível em: <https://editora.sepq.org.br/rpq/article/view/86>. Acesso em: 15 abr. 2025.

SARMENTO, M.; PINTO, M. **Cidadania ou Tutela?**: Perspectivas sobre a Infância e a Adolescência. Porto: Porto Editora, 1997.

SCHILDER, P. **A imagem do corpo**: estudos sobre as forças que determinam a forma do corpo humano. 3.ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

Recebido em: 30 de julho de 2025.

Aceito em: 26 de novembro de 2025.